

O TRABALHO

Órgão da Corrente O Trabalho do Partido dos Trabalhadores - Seção Brasileira da 4ª Internacional

www.otrabalho.org.br

R\$ 5,00

nº 897 - de 10 a 24 de março de 2022

NÃO À GUERRA!



Roma, 50 mil, em 5/03 exigem: retirada imediata das tropas russas da Ucrânia



São Petersburgo: em 26/02, russos fazem protesto contra a guerra desencadeada por Putin



São Paulo, faixa da coluna do DAP no dia 8 de março

Berlim, em 27/02, chamados pela central sindical, DGB, 350 mil disseram Não à guerra

A saída não está na Otan, em Putin, ou na ONU

Declaração da 4ª Internacional
págs. 9, 10 e 11

A palavra ao povo!

A questão da Constituinte Soberana como perspectiva para reconstruir e transformar o Brasil diante da crise das instituições



AÇÃO PETISTA

  transmissão ao vivo

19 DE MARÇO, DAP DEBATE:

A crise das instituições no Brasil e a Constituinte

 /DapBrasil  /DapBrasil  /DapBrasil  www.petista.org.br

JUVENTUDE

Mais 3 jovens negros assassinados pela PM

pág.2

LUTA DE CLASSE

No 8 de março DAP se manifesta contra a guerra

pág.6

LUTA DE CLASSE

Mobilização de servidores em 16 de março

pág.7

NACIONAL

O Brasil diante da guerra na Europa

pág.8

Divulgação

Divulgação

Correspondente

Não à guerra!

Contra a barbárie capitalista queremos um futuro para a juventude e toda a humanidade

É o que defende a Juventude Revolução do PT em posição pública (íntegra www.juventuderevolucao.com.br). A construção desse futuro passa por enfrentar hoje esse sistema capitalista em agonia com suas diversas faces. Em seus encontros e plenárias, os militantes da JR do PT cantam juntos a palavra-de-ordem: "Sou contra a guerra, a exploração, sou Juventude Revolução!" Isso porque a juventude sabe que a guerra não interessa ao povo!

A guerra leva milhões de jovens a doarem suas vidas por objetivos e ideais que não são seus. Outros tantos são seduzidos a tomar um lado na disputa. Diversas justificativas para isso são criadas, disfarçando a origem verdadeira do problema: o sistema em crise! Como explica a nota da JRdoPT: "A quem interessa essa guerra? Nos colocamos ao lado do povo oprimido ucraniano que sofre com uma guerra que não é sua. Dos jovens que estão sendo enviados para morrer nessa guerra e dos outros milhares que estão sendo impedidos de sair do país. Assim como se coloca



Coluna da JR do PT no ato de 8 de março em Juiz de Fora (MG)

ao lado do povo russo que foi às ruas em atos contra esta guerra patrocinada por EUA, Otan e Putin. Nos colocamos ao lado dos jovens soldados russos que também são enviados à morte, pois, na guerra, quem morre são os trabalhadores e filhos dos trabalhadores, defendendo interesses que não são seus".

O imperialismo alimenta e gera conflitos entre povos para justificar a guerra e a destruição. Por trás de tudo, os interesses e as disputas econômicas. É o que está em jogo na Ucrânia. Disputa de mercados até as últimas consequências, jogando a humanidade num beco sem saída como destaca a nota: "O que está por

trás desta guerra é a crise deste sistema podre. O mercado mundial está em colapso desde a crise de 2008, faltam mercados para escoar toda a produção e, com um sistema em crise que precisa criar novos mercados, somos levados à barbárie, apelando para guerra. É importante termos firmes em nossas cabeças que, por trás deste conflito, há um cheiro de gás!".

Desviar das armadilhas

Seria o caso, para os jovens, de apoiar a invasão de Putin na Ucrânia porque seria ele uma peça de resistência contra o "imperialismo maior" dos EUA? Nessa via equivocada alguns chegam a associá-lo ao socialismo soviético do qual o poder atual não tem um fio de DNA. Ao contrário do que vemos e ouvimos em diversos lugares, Putin não representa uma "resistência ao imperialismo americano", pelo contrário, Putin é a personificação de todo o processo de destruição e burocratização sofrido pela URSS.

De outro lado, valeria vestir a camisa da "democracia" da ONU,

Otan e União Europeia contra o autoritarismo russo? A ONU tenta levar a cabo um tipo de consenso (com patrões, trabalhadores, governos, sindicatos e etc.) para "salvar" o mundo. Não podemos esquecer que essa ONU, que se diz "defensora da paz", é a mesma que fecha os olhos para o que acontece na Palestina. É a mesma que ocupou o Haiti em "missão de paz" e é a mesma que viu centenas de milhares de mortos nos últimos anos em guerras promovidas pelos EUA no Iraque, Afeganistão, Síria, entre outros. Por que devemos, então, estar do lado de qualquer um deles?

A nota concluiu afirmando que "uma verdadeira organização de jovens, que quer acabar com a exploração e com o sistema capitalista, não pode estar ao lado de uma guerra que não defende os interesses dos povos! Por isso afirmamos: não à guerra! Por um futuro à juventude sem guerras e exploração! Abaixo o sistema capitalista, responsável por esta crise!"

Katrina e Kris

Mais uma vez, PM mata 3 jovens na Bahia

Basta de genocídio da juventude negra!

Na madrugada do dia 1º deste mês, a Polícia Militar da Bahia, mais uma vez, matou 3 jovens na Gamboa de Baixo em Salvador - Patrick Sapucaia, 16 anos, Cleverson Guimarães, 22 e Alexandre dos Santos, 20.

Moradores afirmam que a polícia chegou atirando por volta das 2 horas da manhã, pegaram os 3 jovens e os levaram para um imóvel abandonado e os executaram. A frieza e violência que age a polícia militar no Brasil confirma que há uma política de guerra do Estado contra os pretos brasileiros. Os

números são assustadores e equiparam-se aos números de países que estão em guerra declarada.

A comunidade da Gamboa organizou protestos e se mobilizou para exigir justiça frente ao covarde assassinato de jovens que tinham ainda uma vida inteira pela frente.

O Governo da BA é do PT, o que diz o governador?

O governador Rui Costa do PT ao invés de aplicar uma política para fazer da PM-BA menos violenta, trabalha no caminho contrário. Hoje, a PM baiana é a que mais mata

pretos no país. É inaceitável que um governo do PT seja o que mais mata nossa juventude.

O governador é o mesmo que, logo após a Chacina do Cabula (fevereiro de 2015), disse que os policiais "estavam igual atacante na frente do gol".

Esse é o tipo de postura que um governo do Partido dos Trabalhadores deve tomar?

"Rui Costa não pode se eximir da responsabilidade que lhe cabe enquanto autoridade máxima da PM. É inadmissível que em um governo petista continuemos a ver uma brutalidade dessas proporções" afirmou

a Juventude Revolução do PT em Salvador, que em nota se solidarizou com familiares e exigiu punição para os assassinos. Parlamentares do PT e movimentos também exigem da Secretaria de Segurança Pública investigação e punição.

Uma das questões necessárias para o próximo período é a desmilitarização da PM. Esse deve ser um compromisso de Lula com a juventude.

Não podemos mais admitir o genocídio da juventude negra, ainda mais num governo petista. Basta!

Jeffei

"A Escola é Nossa"

Tese ao Conubes discute a luta pelo direito à educação

A União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) fará seu congresso presencialmente de 12 a 15 de maio, em Brasília. Neste momento, o processo é de credenciamento das comissões eleitorais cujo prazo vai até 11 de março. Esta etapa acontece em meio às lutas pelo direito ao ensino presencial, seja por meio da exigência de retomada às aulas, como no colégio Pedro II (RJ), seja por medidas que garantam

o acesso ao ensino presencial, como a mobilização que exige transporte escolar da prefeitura em Alagoas e outras.

A JRdoPT impulsiona o movimento "A Escola é Nossa" como contribuição para o Congresso da UBES (Conubes), cujo eixo é a luta pelo direito à educação. A falta de ensino presencial, a piora das condições de vida, os dados alarmantes da evasão escolar demonstram que a política

do governo Bolsonaro expulsa os jovens das escolas, lhes negando esse direito essencial. Mas os estudantes resistem, encontrando na luta esperança por um futuro. A saída para o país passa por dar um fim nesse governo genocida. Aí entra também a eleição, com Lula na frente nas pesquisas. É o principal candidato de oposição, portanto está aberta a discussão programática da sua candidatura, que deve integrar medidas

que revertam retrocessos como a reforma do ensino médio e outras.

O Congresso da UBES está chamado a discutir a situação e se colocar nas ruas para ajudar os estudantes a lutar para garantir o seu direito à educação. Os movimentos que surgem de escola em escola, de estudantes em estudante, mostram que há disposição e apontam o caminho.

Márcia

Alckmin vem aí como vice de Lula?

“Não precisa de Federação” dizem os líderes do PSB

Leu-se nos jornais da semana que Alckmin se filiara ao PSB e será vice de Lula. Mesmo se, ressaltam, Alckmin hoje esteja sem partido e que só na semana que vem decide uma filiação, conforme tuite do mesmo.

A “rápida” passagem do médico anestesista do PSDB em 16 anos pelo governo do estado de São Paulo, não parece ter mudado esse seu jeito.

Não se sabe se mudou em alguma outra coisa – os PMs armados invadindo as escolas, o arrocho nos professores, as privatizações, o “trem-salão” etc.

O Trabalho tem, portanto, mais motivos para ser contra Alckmin como “vice ou aliado” de Lula presidente, do que já teve para ser contra o grande industrial mineiro José Alencar (PL) de vice, em 2002.

Mas esse assunto ainda não foi discutido no Diretório ou na Executiva

Nacional.

Respondendo a algumas perguntas, via redes, explicamos por que o Diálogo e Ação Petista (DAP) não participou da mesa virtual “A Vice de Lula em Debate”, dia 4, cujo card nomeava a Articulação de Esquerda, a Democracia Socialista, Rui Falcão e José Genoíno: e porque o DAP nem foi convidado, um direito dos companheiros.

A partir daí, lemos no jornal Valor (7/4) um relato do evento, não desmentido. Ali, diz que ele “amplificou a insatisfação nos andares de baixo do partido”. Pode ser, não sabemos quantos acorreram ao evento virtual, mas pode ser.

Segundo o jornal econômico, “o ativista Carrapa, de 57 anos, liderança do PT na favela da Vila Kennedy, zona oeste do RJ, questionou a opção pelo ex-tucano ‘do ponto de vista das favelas, estações de trens, metrô, barcas,

o Alckmin é um chuchu, não agrega eleitoralmente nada para o Lula, não é ele que vai trazer essa conciliação [na política]”, criticou”. Nós não sabemos se essa opinião é compartilhada por todos organizadores, mas o DAP combateu a “conciliação” nos 13 anos de governo Lula e Dilma, que foi uma das causas da debacle. O DAP não está buscando um vice capaz de “trazer essa conciliação” de volta, pelo contrário, nem Alckmin nem nenhum outro com essa meta!

Ainda segundo o jornal, para “o deputado Rui Falcão, o problema é que o PT enfrentará uma ‘campanha de guerra’, com ‘milícias’, ‘fakenews’, ameaças de não ceder à vitória se ela provir’. E nessa conjuntura de adversidades, teme que impor um ex-adversário como vice de Lula desmobilize a militância”. O DAP compartilha a preocupação com a desmobilização, mas não tem certeza que Alckmin seja o

suficiente para desmobilizá-la, como Alencar não foi, e não é por isso que somos contra Alckmin, senão em virtude de incompatibilidade programática para um co-governo com Lula do PT (privatizações, arrocho de servidores, violência da PM etc.).

O artigo do Valor ainda diz que “o secretário-geral do PT, deputado Paulo Teixeira (SP), argumenta que num cenário de ‘tanta destruição e da ameaça de golpe militar, o esforço do partido é a construção de uma chapa ampla’ para reverter tudo isso”. Ele deve ter sido ouvido pelo jornal como “o outro lado”. O DAP não concorda e o Ministério da Saúde adverte: faltar à verdade não faz bem à saúde; o partido, suas instâncias não decidiram nada disso, mas tem quem o defenda corajosamente, é verdade, sobretudo na grande imprensa.

J.A.L.

O que vem após a morte da Federação com o PSB?

Kalil (PSD) prefeito de BH, seria o candidato do PT a governador de Minas

A proposta do PSB de federação com o PT, PCdoB e PV murchou de vez. Dia 9 o PSB saiu fora, oficialmente, mantendo-se aliado de Lula. Dizem dirigentes que sobrou PCdoB-PV. Mas, indiscutivelmente, já tinham perdido o viço os federalistas do PT, que os há (DS da prefeita Margarida Salomão, setores CNB do deputado Guimarães, RS do deputado Paulo Teixeira, e assessores parlamentares).

Tiraram notas contrárias ao PSB (ver OT 896) a Articulação de Esquerda, Movimento PT, Avante, Militância Socialista, Esquerda Popular Socialista, além do Diálogo e Ação Petista. O CNB, se fechar questão, não tem maioria absoluta (só relativa) no DN que teria de adotar por 50%+ 1 dos membros nominados em ata ao TSE.

Passada a “viagem lisérgica” da Federação do PSB vem o “chá de cogumelo” da Federação com o PCdoB-PV, menos tóxico, mas que pode nos fazer perder a razão numa “badtrip”.

O DAP defende, e a lei permite, uma frente eleitoral de partidos, e personalidades, entidades e movimentos, notadamente o PSOL, o PCdoB, setores do PSB e do PDT, e outros, sobre a base de um programa de tipo “antiimperialista” – de reconstrução e transformação – encimado pela luta pela Assembleia

Constituinte Soberana. Frente de luta, eleitoral e de governo, com Lula Presidente.

Monstruosidade

O DAP rejeita para o PT – os outros são os outros – qualquer federação pela Lei 14.208 de 29.08.2021. Ela extrapola na tutela bonapartista do judiciário sobre os partidos político. Ela obriga ao partido federado na “nova agremiação partidária” a permanecer um mínimo de quatro anos, sob pena de quem sair – a juízo do TSE – perder o fundo partidário, rádio e TV, e ficar interdito de coligações nas duas eleições seguintes.

Ou seja, bem comparando, seria como o “juiz de paz” decidir qual das partes de um casamento em crise terá a renda sequestrada, não poderá mostrar a cara na janela, e estará proibido de namorar nos quatro anos seguintes – pode uma monstruosidade dessa?

A camisa-de-força da lei 14.208 exige dos partidos da “nova agremiação partidária” que se registrem – prazo no TSE até 31 de maio – com “programa, direção e estatuto” comum. Federar com o PSB era errado porque não tem “programa” possível com privatistas e golpistas. Mas o PCdoB-PV não é tudo bem!

Quem quer fazer não só aliança ou frente, mas “nova agremiação partidária” (federação) com o PCdoB?



Reunião de dirigentes dos quatro partidos, em 9 de março, na qual o PSB informou que estará fora da Federação

Gazeta do Povo

Esqueçamos o passado sino-albanês dos discípulos de Stálin, o apoio apaixonado ao governo Sarney contra o povo. Fiquemos apenas com seu putinismo na guerra na Ucrânia: “o objetivo é ‘desmilitarizar’ a Ucrânia desde 2014 governada por forças de extrema-direita anti-Rússia” (site PCdoB). Se fosse toda a verdade, e não é, Putin não tem o direito de pisotear a autodeterminação dos povos!

O que diria a Federação com o PCdoB no parlamento e aos povos do mundo: é para jogar bomba na guerra justa ou retirar as imundas lagartas russas? Hoje, a federação se delimitaria do inominável do Planalto, ou pega leve porque “estamos do mesmo lado da guerra justa”? Hein?

Ó Minas Gerais, quem te conhece...

A mídia anunciou um acordo em Minas: o PT apoiaria o ex-presidente do Atlético, hoje prefeito de BH pelo PSD de Kassab, e o líder da bancada federal do PT, Reginaldo Lopes, ganha a vaga a vaga ao Senado. Que ginástica farão Lula e Gleisi para acomodar essa coisa!? O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG) já caiu fora da sua candidatura presidencial pelo PSD.

Com federação ou sem, o que justifica esse casamento sem amor nem programa?

O que o eleitor, o povo mineiro e o brasileiro, vão achar disso? É a “geléia geral brasileira” (Gilberto Gil, 1968). É ruim!

Markus Sokol



CONSTITUINTE SOBERANA EM DEBATE

Iniciativa do DAP põe em discussão perspectiva política para sair da crise

O DAP promove no dia 19 de março, sábado, o debate “A crise das instituições políticas, sociais e econômicas e a Constituinte Soberana”. O debate, nacional e presencial, terá como local a Quadra dos Bancários (Rua Tabatinguera, 192, Centro, São Paulo). O início será às 17 horas, com duração total de duas horas.

Trata-se de aprofundar a discussão sobre uma saída política para a crise, no momento em que o governo Bolsonaro, cumprindo as determinações do capital, ataca profundamente os direitos sociais e democráticos e a soberania nacional.

A mesa do debate será presidida

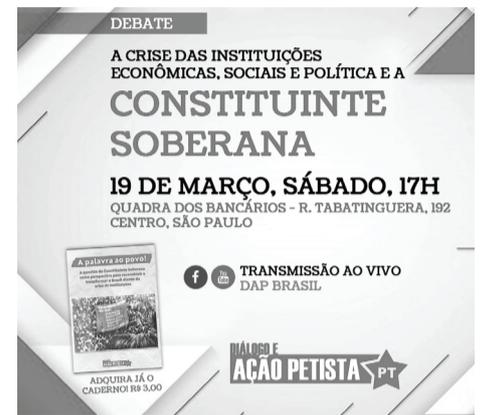
por **Misa Boito**, do Diretório Nacional do PT e Comitê Nacional do DAP, e secretariada por **Jussara Goes**, tesoureira do DAP da capital paulista.

As exposições iniciais ficarão a cargo de **Luiz Eduardo Greenhalgh** (advogado de Lula e membro do Comitê Nacional do DAP), **Markus Sokol** (também do Comitê Nacional e da Executiva nacional do PT), **José Genoio** (ex-deputado constituinte e ex-presidente nacional do PT) e **Paulo Moreira Leite** (jornalista do Brasil 247).

Na sequência, como debatedores, falarão Alessandro Soares (professor de Direito da Universidade Mackenzie); Julio Turra (do Comitê

Internacional de Ligação e Intercâmbio-CILI); Sergio Ronaldo (secretário-geral da Confederação Democrática dos Servidores Públicos Federais, Condsef-CUT, DF); Regina Lúcia Santos (coordenadora do Movimento Negro Unificado, MNU-SP); Jilmar Tatto (membro da Comissão Executiva Nacional do PT); Kris Mackleiny (militante da Juventude Revolução do PT, RJ); Marcelo Mendes (membro da Executiva do Sindicato de Metalúrgicos de Osasco, Força Sindical); e René Munaro (presidente do Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público Municipal, Florianópolis-SC, e membro da DN-CUT).

O debate será transmitido ao vivo



no Facebook e Youtube.

O caderno sobre a Constituinte, produzido pelo DAP e reimpresso (a primeira impressão esgotou) será vendido no local, ao preço de R\$ 3,00.

PT TERÁ CANDIDATO NA BAHIA



A professora Marize Carvalho fala na plenária.

Após o anúncio na mídia, nos últimos dias de fevereiro, de que o senador Jaques Wagner (PT) teria declinado de sua candidatura ao governo do estado nas próximas eleições e indicado o também senador e nada “aliado” Otto Alencar (PSD) para assumir o posto, uma onda de indignação tomou a militância petista baiana.

Diversas manifestações de lideranças populares, dirigentes sindicais e partidários, militantes de base, além de notas de diversos diretórios municipais e correntes internas, apontavam a necessidade da manutenção da candidatura e o problema da falta de debate interno no partido. Numa reunião da executiva estadual e parlamentares da bancada petista, uma semana após o anúncio na imprensa, Wagner reafirmou sua indisposição e nada foi encaminhado.

Em nota pública, a coordenação estadual do DAP afirmou: “A candidatura do PT representa a vontade de parte significativa do povo oprimido,

que quer comer, ter emprego e salários dignos, escolas e universidades abertas e o fim da violência contra o povo negro (...)”. No dia 1º de março, por iniciativa do DAP, uma plenária virtual convocada por diversos dirigentes e militantes foi realizada com presença de mais de 150 pessoas, e decidiu por uma campanha de moções à executiva estadual do PT para que aprovasse a candidatura própria.

A pressão da base pela candidatura própria teve impacto. No dia 7, Wagner declarou à imprensa que o PT terá candidato próprio e que o governador Rui Costa (PT), que chegou a ser cogitado para o Senado, permaneceria no cargo até o fim do mandato. Imediatamente após a declaração, o PT da Bahia anunciou a posição de candidatura própria.

Nova plenária de militantes foi convocada, no formato híbrido, com quase 300 participantes, e a militância reafirmou: “*Não abrimos mão, candidatura do PT para ganhar a eleição!*”. Na plenária, a professora Marize Carvalho, da executiva nacional da CUT e pré-candidata a deputada federal, afirmou: “*É necessária candidatura própria com um programa que defenda os serviços públicos e com uma política de alianças antiimperialista*”. A plenária encaminhou ainda uma moção ao governador Rui Costa pela não privatização da EMBASA (empresa de água).

Uma executiva e um diretório estadual estão convocados para esta semana e devem decidir o nome do PT que irá disputar a eleição.

Correspondente

UM PALANQUE PARA LULA NO CEARÁ

O DAP do Ceará luta para que o PT tenha candidatura própria ao governo do estado, garantindo assim um palanque para Lula nas eleições de outubro. Mas a maioria da direção estadual do PT quer a todo custo manter a aliança com o clã dos Ferreira Gomes, apoiando o candidato indicado pelo PDT, que estará na campanha presidencial de Ciro Gomes.

No final de janeiro, o diretório estadual se reuniu (a segunda reunião desde o PED de 2019) e aprovou, sem

qualquer discussão prévia na base, a manutenção da aliança, com o PDT e outros partidos, alguns de direita. Com isso, o atual governador, Camilo Santana, do PT, sairia candidato ao Senado. O diretório rejeitou a proposta do DAP de promover plenárias regionais, com a participação dos diretórios municipais e da militância, antes de adotar uma política eleitoral.

É uma atitude que “tratora” o partido e o deixa amarrado nas mãos de políticos e partidos hostis ao PT.

Na reunião, o DAP questionou se Camilo Santana faria campanha para Lula. Alguns dirigentes responderam a isso dizendo que fariam “esforços” para que Camilo se envolvesse na campanha de Lula. Em nota oficial, o DAP do Ceará põe o dedo na ferida: “*A pergunta que fica é: na de Ciro, sua participação já são favas contadas?*”

Prossegue a nota do Comitê Estadual do DAP: “*O DAP considera que se trata de uma política de liquidação de nosso partido no Ceará e que é*

preciso reagir a isso”.

Concluindo, a nota do DAP chama a militância ao debate: “*O DAP se dirige à militância para propor uma reflexão: não é preciso construir uma pré-candidatura petista no Ceará, que provoque a realização de uma prévia onde os filiados e filiadas possam decidir se querem ter um candidato petista ao governo, ou se preferem deixar Lula sem palanque no nosso estado?*”

Submetemos esta proposta aos petistas cearenses”.

8 de março

Mulheres trabalhadoras colocam suas pautas nas ruas

Em 8 de março de 1917 (23 de fevereiro no antigo calendário russo), operárias tecelãs se levantavam contra a guerra e a fome, acompanhadas de seus companheiros operários, no que seria o estopim de um processo que levou à revolução russa. 105 anos depois, a luta contra a guerra e a fome estão na ordem do dia para mulheres em todo o mundo.

Relatório da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) em julho de 2021 descreve “um agravamento dramático da fome mundial”, atingindo 1 em cada 10. A mesma FAO informa que a fome atingiu 24% dos brasileiros em 2020 – quase um quarto da população! A carestia pode piorar ainda mais com a guerra na Ucrânia.

Guerra que, por sua vez, impõe sofrimentos profundos a essas mulheres, seus filhos, companheiros e familiares. A abjeta fala de Arthur do Val, por exemplo, de que “as ucranianas são fáceis porque são pobres”, evidencia o destino de violência sexual de muitas crianças, jovens e

mulheres refugiadas ou sob o julgo de uma invasão militar.

Essas foram duas das principais preocupações que as mulheres do Diálogo e Ação Petista (DAP) levaram às manifestações que ocorreram em diversas cidades brasileiras pelo 8 de março, Dia Internacional da Mulher. Como em anos anteriores, a data deu largada a manifestações de rua, num ano que já começou com diferentes lutas em curso, em decorrência da dura situação de vida das mulheres e do povo trabalhador.

Em suas falas, faixas, pirulitos e panfletos, o DAP colocou no centro essa dura situação, cantando por exemplo que “o arroz tá caro! O feijão tá caro! Traz de volta o Lula e manda embora o Bolsonaro!”

Além de demonstrar indignação com a realidade do povo e das mulheres, foi um 8 de março “na luta por direitos”, como dizia a camiseta do DAP em São Paulo: por creches para todas, pela saúde pública, igualdade salarial, contra a violência de gênero e contra a violência policial.



8 de Março na AV Paulista (SP) o DAP levou a luta por Não à Guerra

Investimentos federais para mulheres estão minguando

“Hoje em dia, as mulheres estão praticamente integradas à sociedade”, afirmou Bolsonaro em solenidade pelo dia 8 de Março. Mais do que em suas falas absurdas, Bolsonaro mostra sua misoginia e desprezo pelas mulheres nas ações concretas de seu governo.

Matéria do portal Universa, com informações do Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc), mostrou que em 2022 o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos destinou o menor recurso dos últimos quatro anos para políticas de

combate à violência de gênero: R\$ 43,28 milhões.

Dizer que é o menor orçamento neste período é dizer pouco, já que as verbas para a área vêm caindo ano a ano, desde 2015. E o pior é que, como O Trabalho já mostrou, o orçamento efetivamente executado pelo governo tem sido menor que o previsto, que já era baixo. Assim, em 2021, o ministério de Damares executou apenas metade do que havia autorizado na legislação orçamentária, e em 2020, “sobraram” 70% dos recursos.

O programa Casa da Mulher Brasileira, para vítimas da violência doméstica, tem sido duramente impactado: dos R\$ 21,8 milhões previstos em 2021, apenas R\$ 1 milhão foi gasto; em 2019, o governo não executou um único real.

Enquanto isso, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostra que o Brasil tem um estupro a cada 10 minutos. Um feminicídio a cada 7 horas.

Priscilla Chandretti

Servidores de Volta Redonda (RJ) conquistam vitória

Depois de 14 dias de greve conseguem reajuste salarial

No dia 7 de março, encerrou-se a greve dos servidores municipais de Volta Redonda, que durou 14 dias. A categoria entrou em greve pedindo o reajuste de 10,18% referentes ao salário mínimo.

O prefeito Neto (DEM) negou o reajuste e abriu ataques aos servidores indo às rádios e jornais, chamando os trabalhadores de covardes. O ataque do prefeito foi combatido pela categoria que não recuou e manteve a mobilização.

Nos dias de carnaval, panfletagens eram feitas pelas ruas e a população apoiava. Devido a pressão criada pela categoria, principalmente pelos servidores da educação, os vereadores da cidade se mobilizaram e



Servidores em greve fazem manifestação diante da prefeitura

marcaram reunião com o prefeito.

Neto não quis receber a categoria

O prefeito se recusou a receber a categoria. Para não dar o braço a torcer, o prefeito apenas quis receber os vereadores da cidade para

abrir negociação.

Diante deste cenário, no dia que foi marcada a reunião com os vereadores (7/3), foi convocado um ato em frente à prefeitura para pressionar a negociação. Do lado de fora, palavras de ordem eram gritadas enquanto prefeito e vereadores negociavam. Para a categoria a pauta era única: reajuste de 10,18%. Sem esse reajuste, a greve seria mantida e a luta continuaria.

Na vésperas do 8M, vitória protagonizada pelas mulheres

A greve foi majoritariamente no setor da educação. Para sermos mais precisos, a greve foi protagonizada pelos funcionários da limpeza,

merenda, monitores, serventes etc. Em sua maioria, eram mulheres que estavam à frente do processo mostrando que a luta das mulheres trabalhadoras está viva! Um grande exemplo a toda a categoria!

O prefeito Neto recuou e a categoria conseguiu o reajuste dos 10,18%, uma vitória que há muitos anos os servidores de Volta Redonda não tinham. A categoria tem nova assembleia para fazer o balanço da greve e discutir os próximos passos.

A vitória é um passo para os servidores de Volta Redonda que agora acompanharão de perto se o ajuste será realmente indexado ao salário.

Natália Lopes

SP: servidores municipais, deu chapa da CUT

No resultado das eleições para o sindicato a categoria reconhece luta da última gestão

As eleições para renovação da Diretoria do SINDSEP, Sindicato dos Servidores Municipais de São Paulo deram vitória para a Chapa 1, “Resistir, Lutar e Avançar”, apoiada pela CUT, com 4287 votos, 64%. A Chapa 2, apoiada pela Intersindical-Instrumento de Luta, obteve 2401 votos, 36%.

A categoria reconheceu que a atual direção mostrou firmeza nas lutas desenvolvidas.

O enfrentamento da Reforma da Previdência desde 2018, o combate nas campanhas salariais, de defesa dos serviços públicos e contra a Reforma Administrativa de Bolsonaro.

A situação da categoria, que seguiremos lutando para reverter, é extremamente difícil pois amarga há anos congelamento de salários.

Vlamiir Lima, eleito para a Secretaria de Imprensa do SINDSEP, diz que “Agora é fortalecer a organização de base (RSU) e seguir a luta pela reposição das perdas salariais. Fazer

também a campanha pela revogação reforma da previdência do município e lutar por concurso público, contra as terceirizações. É preciso também construir uma pauta nacional como, por exemplo, a revogação da EC 95 (teto de gastos), assim como pela revogação das contrarreformas, a trabalhista e da Previdência.”

Servidores em luta

16 de março: atos em Brasília e nas capitais, na mobilização por reposição salarial

Em 2021 a mobilização unificada dos servidores das três esferas impediu a votação da PEC 32, da reforma administrativa. Este projeto, de autoria de Bolsonaro, acabava com os concursos públicos, abria as portas para privatização ou terceirização em todas as áreas via Organizações Sociais (OSs) e, entre outros tantos ataques, previa a possibilidade de redução salarial em até 25%.

Pela projeção da inflação para 2022 do boletim Focus, do Banco Central, as perdas salariais acumuladas durante quatro anos de governo Bolsonaro chegarão a 26%. Em evento promovido pelo banco BTG Pactual no final de fevereiro, Paulo Guedes

anunciou que vem promovendo uma "reforma administrativa invisível".

Esta declaração não diminui a vitória dos servidores em impedir a votação da PEC 32 em 2021, mas é fato que mesmo sem aprovação o governo busca aplicá-la antecipadamente. É Guedes que revela os números: "Quando pedimos a trégua de reajustes por causa da pandemia, foram R\$ 160 bilhões que não se transformaram em tentativa de reposição de perdas inevitáveis" disse, referindo-se à União, estados e municípios. E defendeu que, agora, falta "estabelecer regras para os novos servidores", referindo-se à reforma administrativa que, na verdade, irá atingir todo o

funcionalismo e prejudicar o acesso da população aos serviços públicos.

2022 vem quente, os trabalhadores reagem

Contra a intenção do governo de congelar os salários de todos os servidores, há resistência. Levantamento feito pela imprensa revela que 22 estados do país e o Distrito Federal concederam reajustes salariais neste ano. Tanto nos estados, quanto nos municípios, pipocam mobilizações em busca da recomposição dos salários. No caso do magistério, há diversas mobilizações pelo pagamento integral do piso nacional da categoria. A situação contrasta com os dois

anos anteriores onde o "fique em casa" impactou a ação dos sindicatos.

Sendo este um ano eleitoral, os servidores apertam o passo. No caso dos federais a luta é por reposição salarial emergencial de 19,99%, índice correspondente às perdas durante os três anos do governo Bolsonaro.

Em todo país, é urgente a realização de assembleias para a preparação das mobilizações marcadas para o dia 16 de março, quando haverá um ato público em Brasília e nas capitais dos estados. Estas atividades constroem a perspectiva de greve marcada para o dia 23 do mesmo mês.

Marcelo Carlini

Servidores públicos estão sacudindo Minas Gerais

Mobilizações incluem segurança, educação, saúde e outros, mas falta unidade



8 de março, assembleia dos trabalhadores da educação decreta greve

Ainda antes do carnaval, trabalhadores do serviço público e das estatais mineiras começaram a esquentar a luta contra o governo Zema.

No dia 21 de fevereiro cerca de 20 mil trabalhadores da segurança pública (polícias civis, penais e militares, além de bombeiros) foram em massa às ruas de BH aos gritos de "a culpa é do Zema". Eles exigem a recomposição da inflação, através do cumprimento de um acordo não honrado pelo governador em 2019 e se opõem à aprovação do Regime

de Recuperação Fiscal (RRF), um plano que se aprovado levaria a um congelamento salarial por 9 anos, proibição de concursos públicos, privatização de estatais e novas reformas administrativas e da previdência. Proibidos pela justiça de fazer greve, os servidores da segurança decidiram iniciar o que chamam de "movimento de estrita legalidade". Uma espécie de operação tartaruga, em que só atendem as ocorrências emergenciais.

No mesmo dia 21 os trabalhadores da Empresa Mineira de Comunicação, responsável pela Rede Minas e a Rádio Inconfidência, entraram em greve, reivindicando reajuste salarial, negado desde 2013 e denunciam o desmonte da estatal.

No dia 23 foi a vez dos trabalhadores do Instituto de Previdência dos servidores de Minas Gerais (IPSEMG) deflagrarem greve.

Pressionado, Zema anunciou uma

recomposição linear de 10% a todos os servidores do estado, o que foi prontamente recusada por todas as categorias.

Depois do carnaval a temperatura subiu ainda mais

Em assembleia no dia 8 os trabalhadores da educação, organizados pelo Sindute, decidiram iniciar uma greve por tempo indeterminado. Eles reivindicam o reajuste do piso (33,24%) e sua aplicação sobre uma jornada de 24h, conquista inscrita na constituição do estado após uma mobilização ainda no governo Pimental (PT), mas ignorada por Zema.

Já os trabalhadores da saúde, no mesmo dia 8, decidiram por uma nova assembleia com paralisação no dia 16. No dia 9, uma massa de trabalhadores da segurança pública voltou a ocupar as ruas, ampliando a pressão sobre o governo Zema.

Falta unidade e solidariedade entre as categorias

Apesar das mobilizações e greves esquentarem, ainda não há um

calendário de lutas unificado das categorias. Um problema grave a ser superado, e que enfrenta de um lado a resistência de alguns dirigentes (incluindo petistas e cutistas) que preferem classificar toda a massa de policiais como "fascista" ou "bolso-minion", mesmo se apresentam reivindicação justa, e de outro lado, o oportunismo real que existe baseado no velho princípio "farinha pouca, meu pirão primeiro".

Luã Cupolillo

DAP AJUDA A MOBILIZAÇÃO

O Diálogo e Ação Petista realizou no dia 7 de março uma plenária de emergência para servidores estaduais que teve mais de 120 inscritos e reuniu 80 participantes, de pelo menos 30 cidades e diversas categorias, como educação, saúde, segurança, meio ambiente, entre outras.

Depois de um rico debate a plenária decidiu, entre outras coisas, se dirigir ao conjunto dos servidores e suas organizações (sindicatos, associações, CUT e centrais) propondo a construção da unidade.

Trabalhadores da EBC fazem atos no DF, RJ e SP

Protesto contra corte de ponto ocorre em meio a medidas de desmonte da empresa

Trabalhadores da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) realizaram no dia 7 manifestações em Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo contra o desconto nos salários realizado pela empresa, como uma retaliação aos empregados que aderiram à paralisação de 19 dias, a maior da história da EBC, durante a negociação do

Acordo Coletivo, no final de 2021. Além dos salários, foram descontados vale-transporte e vale-alimentação.

A direção da EBC contrariou decisão liminar proferida por ministro do Tribunal Superior do Trabalho, que havia impedido o desconto, uma vez que os dias parados serão julgados no mérito do dissídio.

Fechamento de rádios

O ataque aos trabalhadores se soma a medidas de desmonte da empresa, como o anúncio de fechamento de duas rádios, a rádio MEC e a rádio Nacional do Rio de Janeiro, ambas ligadas à história da radiodifusão pública nacional e operam em amplitude modulada (AM).

A Frente em Defesa da EBC e da Comunicação Pública lançou campanha pela manutenção das rádios. Há a proposta de mudança para a frequência modulada (FM), além de seu reconhecimento como patrimônio histórico e cultural imaterial do Rio de Janeiro.

Eduardo Viné Boldt

O Brasil diante da guerra na Europa

Repercussões políticas, alinhamentos e confusões

Como não poderia deixar de ser, também no Brasil repercute a guerra deflagrada por Putin no coração da Europa, ao ordenar suas tropas a entrar em território da Ucrânia. Governo, partidos, organizações políticas, sindicais e populares tomaram posição a respeito da guerra em curso nos dias que se seguiram ao início da invasão.

Na cúpula do governo, com Bolsonaro recém chegado de sua viagem à Rússia, houve confusão. O general Mourão, vice-presidente da República, foi o primeiro a falar e, dirigindo-se à Otan, pediu providências mais pesadas do que sanções econômicas contra a Rússia, saudoso, certamente, da tradição dos milicos brasileiros de alinhamento automático com os Estados Unidos. Mas tomou um puxão de orelha do “chefe” e sumiu do cenário. Bolsonaro que, tal como Trump e outros direitistas, admira o “perfil” do presidente russo, afirmou a “neutralidade” de seu governo, negando-se a condenar a invasão da Ucrânia, ainda que os diplomatas brasileiros votem resoluções nesse sentido na ONU.

Confusão também na base bolsonarista. O agronegócio está apavado, não só com a falta de fertilizantes importados, mas com a crise econômica que vai se aprofundar



8M em Porto Alegre, faixa do DAP

com as sanções adotadas pelos EUA e União Europeia contra a Rússia. Entre os bolsominions “ideológicos” há divisão entre os que apoiam o direitista Zelensky (talvez a minoria), e os que seguem os conselhos de Steve Bannon (guru de Trump) e apoiam Putin contra o “globalismo”.

“Paz entre nós, guerra aos senhores”

Este verso da “Internacional” foi substituído por parte da chamada esquerda, no Brasil e outros países da região, por uma espécie de saudade da “guerra fria” que leva a posições como: “inimigo do meu inimigo é meu amigo”, “se os EUA estão de um lado, estamos do outro”. Isso sem

analisar a natureza das forças que estão em conflito, que a URSS não mais existe e sobre seus destroços se ergueram governos que defendem interesses de capitalistas mafiosos e reprimem o seu próprio povo, como é o caso de Putin.

Tais setores substituem os interesses dos povos e a luta de classes por “campos” que opõem governos no tabuleiro da geopolítica. Por isso se alinham com um inexistente Putin “antiimperialista”, apoiando a sua invasão da Ucrânia. Há os que dizem que é uma “guerra justa”, outros listam nas redes sociais todas as invasões feitas pelo imperialismo dos EUA - que são muitas como sabemos

e denunciarmos - como se elas justificassem Putin a fazer o mesmo. Mas na hora de dizer “Não à Guerra” travam a língua, pois isso exigiria a retirada imediata das tropas russas da Ucrânia.

A CUT tirou uma nota no dia do início da invasão russa intitulada “Não à Guerra na Ucrânia”, dizendo “condenar ações militares de quaisquer lados”. O PT, através da sua presidência, tirou uma nota pedindo “o fim das hostilidades”, retirando de circulação nota de sua bancada no Senado que se alinhava com Putin, substituindo-a pela “reafirmação” da posição da presidência. Lula falou contra a guerra, mas alimentou ilusões de que uma ONU “reformada” poderia resolver o conflito.

O que pode abrir uma saída para essa situação terrível é a luta contra a guerra ser abraçada pelos trabalhadores e povos de todo o mundo. É preciso reforçar o movimento que o povo russo já iniciou ao sair às ruas por “Não à Guerra”, desafiando a censura, a repressão e a violência do governo Putin. Essa é uma tarefa também aqui no Brasil. Os povos não estão nem do lado da OTAN, nem de Putin, e nada esperam da ONU, eles estão contra a guerra!

Julio Turra

Bolsonaro usa guerra para atacar indígenas

PL quer liberar geral exploração em reservas a pretexto da necessidade de potássio

Bolsonaro, apoiado na bancada do boi e no centrão, quer passar um Projeto de Lei que permite o avanço, ainda maior, da exploração mineral (garimpo) e agropecuária em terras indígenas. O governo articula com Arthur Lira (presidente da Câmara) para votar o PL 191/2020, de autoria de Bento Albuquerque, ministro de Minas e Energia, o quanto antes. Por maioria, no último dia 9, a Câmara aprovou regime de urgência para votação. Algo

que já é marca desse governo, pode piorar: a lei vai ampliar drasticamente o avanço do latifúndio em reservas indígenas e o massacre desses povos, bem como a destruição da Amazônia. Fazendeiros do gado e da soja, madeireiros, garimpeiros e grileiros que sangram - literalmente - indígenas e pequenos agricultores, agradecerão a urgência e o empenho envolvidos.

A desculpa de Bolsonaro é a interrupção do fornecimento de



Povos indígenas protestam contra políticas do governo

fertilizantes russos, após a invasão da Ucrânia e o jogo de sanções Otan x Putin. Ele justifica que há uma grande mina de potássio na região de Autazes no Amazonas, que já poderia estar em exploração, reduzindo a dependência do Brasil da Rússia e de Belarus. Porém, as maiores jazidas de potássio, segundo pesquisas, não estão nessa região, mas em estados como Minas e SP. Há centenas de locais para exploração que não coincidem com reservas indígenas

- por isso há 544 processos de exploração em todo o País, em andamento na Agência Nacional de Mineração. O que Bolsonaro não dizé que essa exploração levaria anos e é, portando, balela para invadir as terras em questão. Ele também não diz que seu governo e de Temer fecharam fábricas de fertilizantes.

Foram Temer e Bolsonaro que erraram

Lula se manifestou em seu Twitter e, corretamente, lembrou que “foram os governos de Temer e Bolsonaro que erraram, não o Brasil, como disse a ministra Tereza Cristina, fechando fábricas de fertilizantes na Bahia, em Sergipe e no Paraná. E também abandonaram a construção de novas fábricas em Minas e no Mato Grosso do Sul”. Enquanto o Brasil importa mais de 80% dos fertilizantes - os insumos com potássio chegam a 96% - em 2020, Bolsonaro fechou a Fafen, unidade responsável pela produção de

30% de ureia e amônia do país, além de 65% do Agente Redutor Líquido Automotivo. Foram mais de mil demissões. Agora a Fafen anunciou - para regozijo de oligarcas russos - a venda da Unidade de Fertilizantes Nitrogenados (UFN3), em Três Lagoas (MS), ao grupo russo Acron. Bolsonaro também comemorou.

Em declaração à BBC, Svein Tore Holsether, chefe de uma empresa norueguesa do setor, previu: “Metade da população mundial obtém seus alimentos graças ao uso de fertilizantes, e se isso for retirado de alguns cultivos, essa produção pode cair até 50%”. Para o povo os resultados podem ser catastróficos: junto com a falta, os preços dos alimentos, já altos, podem explodir. A fome, que já espregueada, pode aumentar. É a soberania alimentar que está em jogo. E esse é o Brasil Colônia que Bolsonaro quer: país latifundiário que massacra indígenas, e agroexportador que até fertilizantes importa!

Tiago Maciel

Declaração do Secretariado Internacional da 4ª Internacional

(Contribuição à discussão preparatória do 10º Congresso Mundial da 4ª Internacional)

A guerra no coração do continente europeu

Enquanto guerras imperialistas e intervenções militares correm nos quatro cantos do planeta, quando as exigências do imperialismo, particularmente o estadunidense, visam esmagar os povos sob seu tacão de ferro, enquanto o militarismo se estende sob a égide do imperialismo dos Estados Unidos da América, com o acordo estratégico de Biden com a Austrália e o Reino Unido contra a China, com a parceria estratégica com os Emirados e o Estado de Israel contra o povo palestino, com o fortalecimento e extensão da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), agora, o desenvolvimento da guerra na Europa é um elemento novo da situação mundial, cujas consequências não podemos medir neste momento.

Com a entrada na Ucrânia de tropas da Federação Russa, a guerra está de volta ao velho continente, com sua procissão de mortos, feridos, populações aterrorizadas pelos bombardeios e buscando fugir, sem saber para onde ir.

Uma emoção legítima se manifesta entre todos os povos de todos os países diante de imagens de bombardeios, refugiados e mortos.

A pior coisa seria sermos arrastados para os conchavos políticos feitos às pressas pelos vários governos.

A Ucrânia foi libertada pela Revolução de Outubro de 1917

Há meses, a tensão vem crescendo entre Putin e Biden, o verdadeiro chefe da OTAN, sobre a questão da ampliação da OTAN para o Leste e especialmente para a Ucrânia. Putin disse que pretendia varrer a Ucrânia do mapa. Ele explicou que "a Ucrânia contemporânea foi total e completamente criada pela Rússia, pela Rússia comunista bolchevique. Esse processo começou quase imediatamente após a revolução de 1917, e Lenin e seus camaradas agiram de maneira muito pouco delicada com a Rússia: tiraram dela, tiraram parte de seus territórios históricos". Ele expressa aqui, com um ataque de nacionalismo russo, com seu



Refugiados ucranianos cruzam a fronteira da Polônia

passado de agente stalinista da KGB, toda a sua hostilidade à Revolução de Outubro.

A Ucrânia não foi criada, mas libertada pela Revolução de Outubro. A história comum da Rússia e da Ucrânia remonta ao século 10, quando o primeiro império russo foi fundado em Kiev. Como muitos outros países da região, os territórios ucranianos foram ocupados pelos mongóis, os poloneses, e depois a Ucrânia foi dividida entre o Império Austríaco e o Império Russo.

A Revolução de Outubro, porque ousou expropriar o capital, permitiu pôr fim a esta "prisão dos povos" (expressão de Lênin) que era o império czarista, colocando todos os povos em pé de igualdade.

Como escreveu Leon Trotsky em 1939 ■:

"O partido bolchevique conseguiu, não sem dificuldade e pouco a pouco, sob a pressão incessante de Lenin, formar uma ideia correta da questão ucraniana. O direito à autodeterminação, isto é, o direito à separação, foi estendido por Lenin tanto aos poloneses quanto aos ucranianos: ele não reconhecia as nações aristocráticas. Ele considerava como manifestação do chauvinismo grão-russo qualquer tendência a eliminar ou adiar

o problema das nacionalidades oprimidas (...). De acordo com a concepção do antigo partido bolchevique, a Ucrânia soviética estava destinada a se tornar um poderoso eixo em torno do qual as outras frações do povo ucraniano se uniriam. É indiscutível que durante o primeiro período de sua existência a Ucrânia soviética exerceu uma poderosa atração também do ponto de vista nacional, e que despertou para a luta os operários, os camponeses e a intelectualidade revolucionária da Ucrânia ocidental, escravizada pela Polônia".

Mas a burocratização da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) com a formação da casta burocrática liderada por Stalin, levou a uma política reacionária como explica Trotsky:

"Em nenhum lugar, as restrições, os expurgos, a repressão e, de modo geral, todas as formas de banditismo burocrático, assumiram um caráter de violência tão mortal como na Ucrânia, na luta contra as poderosas aspirações, profundamente enraizadas, das massas ucranianas por maior liberdade e independência".

A Ucrânia, o celeiro da URSS, por causa da política de coletivização

forçada da burocracia, foi mergulhada numa fome, em 1932-33, que fez vários milhões de mortes! Com efeito, a reação stalinista, em nome do nacionalismo grão-russo, restabeleceu a "prisão dos povos" no território da URSS.

Putin não quer restaurar a URSS e ataca o povo ucraniano

É uma certeza: Putin não quer restaurar a URSS. Ele não é herdeiro da Revolução de Outubro. Ele é o herdeiro dos métodos de gangster do stalinismo, dos qual ele foi agente na KGB. Foi a política reacionária da burocracia que, depois de ter destruído o partido bolchevique, torpedeou a URSS.

Putin não age para defender o povo russo ou as populações de língua russa da região do Donbass, mas para defender os interesses da pequena camarilha de oligarcas mafiosos da qual é o líder.

Ele procura usar a crise de dominação política do imperialismo dos Estados Unidos. A decisão tomada



Daniel Leal - AFP

Homem revirando os escombros de um prédio residencial em um subúrbio da capital Kiev

pelo imperialismo estadunidense de retirar suas tropas do Afeganistão materializou a passagem para uma nova etapa na crise da dominação política do imperialismo.

Em 1991, após o colapso da URSS, o imperialismo dos EUA, privado da colaboração do aparato internacional do Kremlin, teve que se encarregar sozinho da manutenção da ordem contrarrevolucionária, concentrando em si todas as contradições do sistema, o que está além de suas forças. Ao sinalizar que não tinham mais os meios para garantir a "ordem mundial", as cúpulas do imperialismo estadunidense, tanto Trump como Biden, aceleraram a desarticulação de todas as relações políticas estabelecidas desde o final da 2ª Guerra Mundial, em 1945.

É nessa situação que Putin procura colocar seus peões, para defender seus interesses com métodos de violência bárbara. A defesa dos interesses da oligarquia implica a defesa do seu lugar no mercado mundial como exportador de gás e petróleo.

Ele o faz numa altura em que os chefes dos grupos economicos monopolistas esforçam-se por levar a cabo, em nome da "transição energética", a maior reviravolta da economia mundial; num momento em que se verifica que o mapa de abastecimento de matérias-primas das décadas anteriores já não corresponde às novas necessidades da

passagem para o "carro elétrico", e quando todos procuram reposicionar-se de acordo com as necessidades futuras, desenhando assim os mapas dos conflitos. Nesse sentido, a guerra na Ucrânia é um prenúncio de novos conflitos armados em todos os continentes.

A OTAN não é uma saída para os povos

Após o colapso da URSS, todas as frações nacionais do Birô político do Partido Comunista da União Soviética utilizaram discursos "nacionalistas" para tomar o poder nas diferentes Repúblicas da ex-URSS.

Mas o discurso nacionalista não pode esconder que a política de privatizações massivas, a abertura ao capital estrangeiro, a destruição das conquistas de Outubro de 1917 e a "mafiozação" da economia, liquidaram a soberania nacional dessas Repúblicas. Nesta situação, os imperialismos – em particular o dos Estados Unidos – à conta dos trustes, lançaram-se sobre estes países para os saquear.

Para isso, o imperialismo estadunidense já dispunha de um instrumento: a OTAN. Longe de procurar pacificar a Europa, o imperialismo

dos EUA pressionou pela militarização do continente desenvolvendo consideravelmente a OTAN. Após a queda da URSS, a OTAN passou de 16 para 30 países membros, especialmente na Europa Oriental, cercando assim a Rússia por todos os lados. Porque para o imperialismo, principalmente o estadunidense, era necessário enfraquecer a Rússia para poder lá penetrar ainda mais profundamente, e saqueá-la como todas as outras repúblicas da ex-URSS.

Por sua vez, Putin e os oligarcas mafiosos que vivem apenas do saque da riqueza e da corrupção na Rússia, procuraram se defender para proteger seus privilégios. Por exemplo, eles não estão dispostos a ver o gás russo sob controle estrangeiro, nem ser suplantado pelo gás natural liquefeito (GNL) dos Estados Unidos, quando vivem do dinheiro roubado do povo russo, resultante da venda de gás e petróleo.

A OTAN não é uma saída para os povos. O povo ucraniano é refém entre a OTAN e Putin. Lembremos que foi a OTAN que interveio na violenta e bárbara guerra da separação da Iugoslávia, bombardeando a Sérvia durante semanas, atingindo a população e todas as instalações militares e civis. Lembremos também que foi a OTAN, com base nas exigências dos Estados Unidos, que atacou militarmente o Afeganistão em 2001. Essa guerra devastou este país, onde mais de 200 mil civis foram mortos por ataques dos Estados Unidos. E que hoje, sob o regime de sanções, vê a fome se alastrar a todas as populações afegãs.

A União Europeia ao serviço dos Estados Unidos

Utilizando a guerra como utilizaram a pandemia, os governos da Europa, na verdade em pânico com a dimensão do choque que os vai opor aos seus povos revoltados contra as consequências da crise do sistema e as consequências da inflação, procuram realizar a "união nacional" com a mentira da defesa da Ucrânia. Todos devem se unir a Macron, presidente francês e presidente trimestral de turno da União Europeia, a Scholz, chanceler da Alemanha, a primeira potência econômica da UE. Mas ambos, como todas as instituições da União Europeia, se curvam às exigências do imperialismo dos EUA contra os povos da Europa.

Em nome do perigo da guerra na Europa, eles não devem mais reivindicar, não devem mais defender-se dos ataques dos governos. Os líderes da União Europeia se alinharam atrás dos Estados Unidos para aumentar

as sanções contra a Rússia.

Essas sanções atingirão, antes de mais nada, dramaticamente, os povos da Rússia já empobrecidos pela política de Putin. Para se vencer disso, basta olhar para as sanções impostas ao Irã, da mesma natureza que as tomadas contra a Rússia hoje, elas atingiram apenas secundariamente o regime, mas golpearam massivamente a população do Irã.

Macron, presidente da Europa, como um telegrafistazinho dos Estados Unidos, foi a Moscou para se encontrar com Putin. Esta foi uma operação no âmbito da estratégia global dos EUA, supostamente para manter o diálogo.

Scholz, o chanceler alemão, foi ao encontro de Putin. Ele, como Macron, servem aos interesses dos Estados Unidos. Nesse processo, Biden e os Estados Unidos buscam controlar a Europa e ditar suas exigências. Os Estados Unidos há muito contestam o novo gasoduto Nordstream 2 que, segundo eles, reforçaria a dependência da Europa do gás canalizado russo. Recorde-se que o gás russo representa 40% do gás na Europa e 55% na Alemanha. Nos últimos dois anos, o imperialismo estadunidense quadruplicou suas vendas de gás natural liquefeito na Europa e quer continuar conquistando o mercado europeu. Scholz disse que a questão do gasoduto era uma questão econômica e de ordem privada. Ele acaba de dar meia-volta, cedendo às exigências de Biden, anunciando a não-certificação do gasoduto pelas autoridades alemãs. Claramente, a União Europeia também não é uma saída para os povos.

E a ONU?

Poderíamos multiplicar todos os atos de guerra iniciados pela ONU desde sua fundação. Já em 1947, em primeiro lugar, a ONU, com o acordo da URSS e dos Estados Unidos, votou para expulsar o povo palestino de seu próprio país. E é a ONU quem ousa se apresentar como defensora dos direitos dos povos? Mas foi este voto de partilha da Palestina que, até hoje, continua a sangrar esta região e a negar a soberania do povo palestino, sob ocupação e fragmentado.

Mais recentemente, foi a ONU, com base nas exigências do imperialismo estadunidense e com o apoio do último presidente da URSS, Gorbachev, que desencadeou a terrível e sangrenta guerra no Iraque em 1991. Em seguida, a ONU decretou um embargo, que em dez anos causou a morte de 500 mil crianças iraquianas.

A ONU ocupou o Haiti por mais de 10 anos, por conta de maquinacões estadunidenses que, através de

contingentes militares latino-americanos - com todas as cores políticas misturadas -, acabaram por entregar o país ao caos após esses 10 anos.

Os dirigentes dos EUA e da ONU haviam decretado que, com a Guerra do Golfo, uma nova ordem mundial estava se abrindo. Com esta decisão de guerra a ONU, na verdade, abriu um período de desordem mundial em que guerras são desencadeadas nos quatro cantos do planeta.

Obviamente, a saída para os povos também não está do lado da ONU. Esta "caverna de bandidos", como Lenin caracterizou a Liga das Nações antecessora da ONU, criada após a Primeira Guerra Mundial.

Imperialismo é militarismo

O número crescente de guerras - particularmente na África - está ligado à concorrência feroz entre os vários trustes capitalistas e à perspectiva de "reorganização" das cadeias de suprimentos. Isso salienta a estreiteza do mercado mundial, onde os trustes se chocam violentamente para conquistar fatias desse mercado. Com Biden, vem também uma acentuação da tentativa de um maior controle sobre a América Latina, do saque através da política da dívida, mas também para uma acirrada competição com a China.

Imperialismo é militarismo; aí está o desenvolvimento exponencial dos orçamentos de gastos militares na conta de grandes grupos econômicos da indústria de armamentos. O desenvolvimento da OTAN na Europa tem como resultado o sobrearmamento dos países da Europa: em benefício dos lucros da indústria de armamentos e em detrimento da população trabalhadora empobrecida. Lembremos que foi o presidente Obama, seguido depois por Trump e Biden, quem exigiu que todos os membros europeus da OTAN aumentassem seus orçamentos militares para 2% de seu PIB.

A indústria armamentista, na fase do imperialismo, é um fator determinante do funcionamento da economia capitalista. É uma necessidade vital do capital confrontado à crise de seu sistema. E a qualquer momento a guerra pode explodir em um mercado global em turbulência.

Desde já, com a guerra na Ucrânia, os preços do gás e do petróleo estão explodindo, mas também o do trigo, dado que a Ucrânia e a Rússia estão entre os principais exportadores de trigo em escala mundial.

E são as populações que sofrem as consequências, diretamente, em todos os continentes.

Daí a preocupação de vários "especialistas" sobre os riscos de explosões



População fugindo após ataque à cidade de Irpin

sociais, pois ninguém esquece os desenvolvimentos revolucionários de 2019-2020 na Argélia, no Líbano, no Chile, mas também as manifestações nos Estados Unidos após a morte de George Floyd, e as mobilizações na Europa, que continuam até hoje contra as medidas supostamente sanitárias. Porque todos os governos do mundo (quer se tenham declarado a favor dos estados de emergência sanitária ou tenham negado a pandemia) usaram a pandemia para introduzir medidas liberticidas e prosseguir a sua política de contrarreformas.

Saudações aos corajosos cidadãos russos que saem às ruas!

Os povos não querem a guerra: nem o povo russo nem o povo ucraniano. Ocorreram manifestações em várias cidades russas contra a guerra, apesar de proibidas devido ao Covid (!). Em 24 de fevereiro, anteontem, 1.800 cidadãos russos foram presos pela polícia de Putin: eles sabiam o que estavam arriscando, mas o fato de que, nessas condições, vários milhares de pessoas ousaram se manifestar é uma indicação dessa rejeição à guerra.

Saudações aos corajosos cidadãos russos que estão desafiando Putin! Eles vão derrotá-lo, não temos dúvidas. O futuro está do lado deles!

Nada de "união nacional"!

Uma nova situação mundial está se abrindo, cujas consequências não podem ser medidas neste estágio. Para a 4ª Internacional, repitamos,

nenhuma "união nacional" é aceitável com os governos a serviço dos capitalistas promotores de guerras, mas, ao contrário, é mais do que nunca necessário preservar a independência de classe dos trabalhadores e de suas organizações.

A história nos mostrou que os trabalhadores não podem renunciar sob nenhum pretexto à defesa de seus interesses, que são totalmente irreconciliáveis com a classe capitalista. Esta valiosa lição se aplica tanto em tempos de "paz" quanto em tempos de guerra.

Recusamos o "consenso", o acompanhamento complementar das gesticulações dos Estados Unidos, da União Europeia e da ONU.

- **Nem OTAN nem Putin!**
- **Retirada imediata das tropas russas da Ucrânia!**
- **Parem os bombardeios! Nenhuma anexação!**
- **Direito do povo ucraniano à autodeterminação!**
- **Fraternidade entre os povos!**
- **Abaixo as alianças militares! Abaixo a OTAN!**
- **Contra a guerra gerada pelo imperialismo!**
- **Contra o sistema capitalista que leva à barbárie!**
- **Contra Putin representante da oligarquia mafiosa que se formou durante a restauração da economia de mercado sobre as ruínas da URSS.**

Em 2016, na declaração do 9º Congresso Mundial da 4ª Internacional, escrevemos:

"Em uma tentativa desesperada de salvar o sistema bárbaro de exploração

que se sufoca sob o peso de suas contradições fundamentais, o imperialismo (incluindo todos as suas componentes concorrentes) decidiu, da forma mais cínica, encenar os horrores que organizou. Isso para aterrorizar os trabalhadores e os povos do mundo inteiro, para tentar dar-se os meios para dinamitar as principais conquistas sociais e políticas arrancadas pela luta secular do proletariado, o que nunca conseguiu fazer...

Ele decidiu tentar, nesse mesmo movimento, destruir as conquistas democráticas obtidas pela luta emancipatória dos povos arrancando sua soberania das mãos das potências coloniais. Pressionado pela crise financeira de magnitude sem precedentes em sua história, o imperialismo decidiu apostar tudo por tudo."

Aqui estamos, até aqui viemos. Não é do lado do capital e das suas instituições (ONU, OTAN, UE) que se pode encontrar uma saída para a paz, a democracia e a soberania nacional. A única via para isso é do lado dos povos. É claro que, com a guerra se desenvolvendo, é um caminho difícil, mas que deve ser percorrido, sem se deixar desviar da luta pela emancipação contra o capital.

Com a continuação do sistema capitalista é a barbárie que se desenvolve. A única maneira de acabar com esse sistema é a mobilização das populações trabalhadoras que lhes permitirá determinar seu próprio futuro, livrando-se de toda opressão e da exploração.

Às vésperas da Guerra do Golfo em 1991, a 4ª Internacional participou com outras forças políticas da fundação do Acordo Internacional de Trabalhadores e Povos (AcIT). Seu manifesto Contra a Guerra e a Exploração, adotado em 3 de janeiro de 1991, em Barcelona, concluiu assim:

"Afirmamos nossa confiança na capacidade dos trabalhadores de todo o mundo para se libertarem das cadeias de exploração e opressão, sua capacidade de construir um mundo onde a colaboração harmoniosa entre nações e os trabalhadores substituirá este mundo de barbárie que cresce a cada dia.

Governos! Temam a revolta dos povos! Abaixo a guerra!"

Trinta anos depois, este chamado é extremamente atual. É nesse terreno que combate a 4ª Internacional, com muitas forças e grupos de várias origens políticas, mas que se situam em um terreno de independência de classe, e participam das atividades do Comitê Internacional de Ligação e Intercâmbio (Cili).

A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores!

26/02/2022

■ Leon Trotsky, Obras Completas: "A questão ucraniana - 22 de abril de 1939", volume 21 (edição francesa)

Sanções econômicas sacrificam povo russo

Apesar da repressão de Putin, manifestações contra a guerra se desenvolvem

Governos belicistas procuram colocar os povos uns contra os outros, e utilizam a guerra em curso como justificativa para as sanções decididas contra a Rússia. O ministro francês da Economia, Bruno Le Maire, disse: “Vamos causar o colapso da economia russa. Vamos travar uma guerra econômica e financeira total contra a Rússia” (France Info, 1/3).

A primeira vítima das sanções contra a “Rússia”, porém, é o povo russo, e não o governo de Vladimir Putin. A moeda está em colapso, a inflação está explodindo. Entre a população, é o salve-se quem puder.

A imprensa minimiza o fato de que há oposição à guerra na própria Rússia, mesmo com a feroz repressão. O povo russo quer a paz, apesar de ameaças e acusações de todos os lados.

A Duma (Parlamento) aprovou uma lei no dia 4, sancionada em seguida por Putin, que prevê penas de até 15 anos de prisão em caso de difusão de “informações mentirosas” sobre as ações das forças armadas russas. O que é uma “informação mentirosa”? Por exemplo, falar em “guerra” na Ucrânia. Esse termo está proibido. Para o governo russo, não há guerra na Ucrânia!



Elena Ossipova, presa durante manifestação.

Apelos e mobilizações

Logo no início do conflito, em apenas quatro dias, uma petição contra a guerra foi assinada por um milhão de russos. Em 25 de fevereiro, mais de 600 cientistas russos divulgaram outra petição contra a guerra e a intervenção na Ucrânia. Um de seus iniciadores, Georgy Kurakin, afirmou: “Acho que é perigoso para qualquer um dizer ‘eu sou contra a guerra’ na Rússia. Mas este é o momento em que precisamos dizer isso [...]. Gostaria de dizer a todos os ucranianos: eu não apoio nenhuma guerra. Eu não preciso da guerra. Eu quero a paz. E eu não sou

seu inimigo. Eu sou seu amigo”.

Até o fechamento desta edição, estimava-se em quase 14 mil o número de detenções em mobilizações anti-guerra na Rússia. A mídia destacou o caso da idosa Elena Ossipova, presa durante uma manifestação em São Petersburgo (foto). Quando criança, ela sobreviveu durante 900 dias ao cerco nazista contra Leningrado (hoje São Petersburgo).

Os participantes desses atos correm o risco de receberem multas em valores que chegam ao equivalente a R\$ 150 mil, além de pena de prisão de 30 dias. Muitos se manifestam por meio de redes sociais: 4.750

cientistas e jornalistas científicos lançaram manifesto pelo fim da guerra, assim como 2 mil advogados, 10 mil atores do mundo da cultura e 1.500 professores.

Num apelo assinado por 7.500 professores, funcionários e estudantes da Universidade Lomonosov, de Moscou, está dito: “Exigimos que os dirigentes da Rússia cessem imediatamente o fogo, deixem o território do Estado soberano da Ucrânia e ponham fim a essa guerra vergonhosa. Demandamos a todos os cidadãos russos preocupados com seu futuro a se juntarem ao movimento pela paz. Nós somos contra a guerra!”.

Da redação, com informações do jornal francês Information Ouvrières

LIBERDADE PARA IGOR KUZNETSOV



Milhares de russos são presos a cada manifestação contra a guerra que ocorre no país. A repressão sempre marcou o regime de Putin.

Lembremos que em dezembro de 2021, o Grupo de trabalhadores da Federação Russa e da Ucrânia – sim, militantes dos dois países irmãos – pediram ao Comitê Internacional de Ligação e Intercâmbio (CILI) uma campanha pela libertação do sindicalista e jornalista Igor Kuznetsov e de seus companheiros, presos em setembro por “incitação à desordem”, ao divulgarem manifesta-

ções pacíficas de protesto contra fraudes eleitorais promovidas pelo governo. Uma carta firmada por dirigentes políticos e sindicais do Brasil foi entregue na Embaixada da Federação Russa em janeiro passado.

Alemanha: US\$ 110 bilhões para a Bundeswehr

Scholtz se submete aos EUA e destina 2% do PIB para o Exército alemão (Bundeswehr)

O chanceler social-democrata alemão Olaf Scholz, “anunciou neste domingo, 27, a ampliação mais radical no gasto em Defesa no pós 2ª Guerra”, informa The Washington Post. “A Alemanha, maior economia da Europa e nação mais populosa da União Europeia (UE), frustrava havia muito tempo os Estados Unidos e seus aliados no continente com sua hesitação em investir mais nas forças militares”.

Isso não é armamento para a Ucrânia que outros governos da UE, “socialistas” ou liberais (Macron, Johnson etc.), também dão em medidas emergenciais. Aqui é o rearmamento da máquina de guerra alemã ao longo dos Orçamentos da

próxima década.

Isso não é, tampouco, o “ressurgimento do nazismo”. Isso é a bota yankee: a exigência dos EUA desde Obama (Biden vice), Trump, e agora Biden presidente: pelo menos 2% dos PIBs dos países da UE para defesa. Merkel, conservadora, não fez. Scholtz, social-democrata, fez!

Não vai ficar assim, o povo não quer. No dia 27, domingo, 350 mil encheram as ruas de Berlim por “Não à Guerra”, chamados pela central sindical alemã, DGB, descontente, como os trabalhadores, com o desvio do Orçamento para o Exército, a Marinha e a Aeronáutica.

Fraternidade entre os povos!

M.S.

FRANÇA



Em 10 de abril ocorre o primeiro turno das eleições presidenciais na França. O candidato a presidente pela União Popular, Jean-Luc Mélenchon, é o único a se pronunciar contra a guerra. Durante comício em Lyon, no dia 6, diante de 15 mil pessoas, ele discursou: “Nós trazemos uma mensagem neste instante: fim da guerra! Fim da invasão da Ucrânia! Abaixo o exército que invadiu a Ucrânia! Trazemos uma mensagem de solidariedade aos ucranianos (...). Dirigimos uma mensagem de solidariedade e de amor aos russos, ao povo russo que recusa a guerra e se opõe a ela corajosamente”.

Enquanto isso, outros candidatos considerados de esquerda pela mídia se alinham vergonhosamente ao imperialismo. Yannick Jadot (verdes) apelou à “unidade nacional se queremos ter a maior firmeza para combater Vladimir Putin e ajudar a resistência ucraniana”. Fabien Roussel (Partido Comunista Francês) congratulou-se com “todas as medidas que foram tomadas pela França e em nível de União Europeia”. Anne Hidalgo (Partido Socialista) disse: “Somos democracias diante de um ditador. Devemos fortalecer as sanções contra a Rússia e entregar armas”.

O TRABALHO PT

Receba O Trabalho em sua casa, a cada quinzena

12 edições: R\$ 60,00 • 24 edições: R\$ 120,00 • Assinatura solidária: R\$ 150,00

A partir do nº _____ Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Peça sua assinatura por e-mail ou carta

Deposite na conta Banco do Brasil – Agência: 4055-X, C/C: 8894-3 - CNPJ: 09001210/0001-79
Envie comprovante junto com o cupom para Rua Caetano Pinto, 678 - CEP 03041-000 - São Paulo
Fone: (11) 2613-2232 - e-mail: otjornal@uol.com.br